

DA ESPERANÇA DE PROGRESSO À “CIMENTITE”: A HISTÓRIA DA FÁBRICA DE CIMENTO PORTLAND (1967-2000)

Valéria Maria Santana Oliveira
Universidade Federal de Sergipe – UFS;
profa.valeriaoliveira@gmail.com

O objeto de estudo desta pesquisa é a primeira fábrica de cimento do Grupo Votorantim instalada em Sergipe: a Companhia de Cimento Portland de Sergipe S.A. inaugurada em 1967. Esta unidade industrial foi construída às margens da linha férrea com o objetivo de facilitar o escoamento da produção. No entanto, apesar de ser uma região bastante afastada do centro urbano da cidade, nela já habitavam muitos moradores que, com o aumento da produção de cimento, passaram a sofrer com diversos problemas decorrentes da poluição produzida pela fábrica.

Este trabalho é resultado da dissertação de mestrado da autora em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA), sub-programa Universidade Federal de Sergipe. A presente pesquisa foi baseada em duas fontes de dados, a documental e de campo, esta última através de depoimentos de pessoas que testemunharam fatos relacionados ao funcionamento e desativação da Fábrica de Cimento.

Utilizou-se na pesquisa de campo a História Oral, entendida como

Um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. (...) Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam (ALBERTI, 1989, p. 1-2).

A técnica de entrevistas semi-estruturadas com registro de gravação é, segundo Triviños (1987), um dos principais meios para se realizar a coleta de dados em pesquisa qualitativa, porque,

(...) ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação. (TRIVIÑOS, 1987, p. 146)

Apesar da obtenção de documentação escrita acerca dos fatos em estudo,

optamos por utilizar também depoimentos orais pelo fato de estes possuírem atributos únicos, fornecendo informações que os demais documentos não seriam capazes de transmitir. Samuel (1990) explica melhor:

Há verdades que são gravadas nas memórias das pessoas mais velhas e em mais nenhum lugar; eventos do passado que só eles podem explicar-nos, vistas sumidas que só eles podem lembrar. Documentos não podem responder; nem, depois de um certo ponto, eles podem ser instigados a esclarecer, em maiores detalhes, o que querem dizer, dar mais exemplos, levar em conta exceções, ou explicar discrepâncias aparentes na documentação que sobrevive. (SAMUEL, 1990, p. 230)

Samuel (1990) também destaca que o uso de entrevistas dá identidade a indivíduos que normalmente permaneceriam anônimos na história e que provavelmente não deixariam nenhum relato escrito de suas vidas. É neste sentido que na seleção dos possíveis entrevistados optamos por indivíduos que pudessem fornecer informações sobre os fatos sob diversos ângulos, não apenas sob o ponto de vista de lideranças e autoridades, embora estes tenham também contribuído sobremaneira para nossa pesquisa. Esta prática propicia leituras e releituras do passado que só tem a enriquecer a análise dos fatos.

A História Oral pode ser dividida em três gêneros distintos: Tradição oral, história de vida e história temática (FREITAS, 2002; MEIHY, 2002). Este último tipo é o que se enquadra nesta pesquisa, uma vez que as entrevistas tiveram caráter temático, tendo em vista um assunto específico. As entrevistas foram aplicadas pela pesquisadora em locais e horários previamente agendados com os depoentes. Foram realizadas em Aracaju, com exceção da entrevista com o ex-diretor da Fábrica de Cimento, que aconteceu em Recife, cidade onde o mesmo passou a residir. Todas foram gravadas e posteriormente transcritas.

As questões abordadas nos roteiros de entrevistas foram derivadas da análise dos três principais conceitos nos quais a pesquisa se baseou, ou seja, impactos ambientais, conflitos sociais e movimento social, buscando-se abordar diferentes aspectos dos mesmos no contexto do funcionamento e desativação da Fábrica de Cimento. A amostragem final dos depoimentos orais contou com 10 (dez) participantes entre moradores do Bairro América à época do funcionamento da fábrica, ex-funcionários da mesma, lideranças comunitárias e o líder religioso que atuou no

processo de mobilização da população local. Também foi entrevistado o então secretário executivo da Administração Estadual do Meio Ambiente (ADEMA).

Todos os depoentes autorizaram o uso de seus nomes, mediante assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido, apesar de lhes ter sido dada a opção de manter suas identidades em sigilo. A opção por não ocultar as identidades dos participantes nos proporcionou registrar a contribuição destes na construção de um capítulo tão relevante na história do Bairro América. Segundo Samuel (1990):

Entrevistas e reminiscências podem também capacitar o historiador e dar identidade e caráter às pessoas que, normalmente, permaneceriam como meros nomes numa lista de rua ou registro paroquial, e restaurar algo da importância original daqueles que não deixaram nenhum relato escrito de suas vidas. (SAMUEL, 1990, p. 233).

Thompson (2002) acrescenta:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite vários heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. (...) Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. (THOMPSON, 2002, p. 44).

Como método de análise dos dados coletados – tanto na pesquisa documental quanto na de campo – optou-se pela Análise de Conteúdo. Segundo Bardin (1977), a Análise de Conteúdo pode ser entendida como:

(...) um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos (sic) de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42).

Triviños (1987) destaca o fato de que a Análise de Conteúdo é, na verdade, um conjunto de técnicas. Esta peculiaridade precisa estar bastante clara para o pesquisador, sob pena de este encontrar grandes dificuldades no processo de análise, caso não tenha esta clareza teórica.

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Inicialmente procedeu-se à transcrição das gravações dos depoimentos dos participantes; procurando-se fidelidade à gravação, apenas introduziu-se pontuação,

respeitando a fala e pausa dos entrevistados.

A classificação das respostas foi feita de acordo com os temas contidos nos objetivos específicos da pesquisa, que por sua vez orientaram a formulação das questões dos roteiros de entrevista aplicados aos participantes. A explicitação dessas relações viabilizou a extração das informações fornecidas pelos participantes em relação a cada tema e a sistematização das mesmas de acordo com uma cronologia, que visou traçar uma visão histórica dos fatos relacionados ao funcionamento da Fábrica de Cimento no bairro América e sua posterior desativação.

A unidade de análise escolhida para a classificação das respostas foram os temas contidos nas questões propostas aos participantes. Segundo Bardin (1977, p. 106) o tema é freqüentemente utilizado como unidade de análise do conteúdo de questões abertas de entrevistas, como também no estudo das motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc. Os temas encontrados foram:

- Mudanças ocorridas no bairro e para os moradores em função da fábrica;
- Influências da fábrica no meio ambiente do bairro;
- Identificação dos líderes da comunidade e como atuaram em relação às influências da fábrica;
- Processo de fechamento da fábrica;
- Lembranças após o fechamento da fábrica.

Franco (2003, p. 37) destaca a relevância dessa modalidade de unidade afirmando que o tema é considerado como a mais útil unidade de registro em análise de conteúdo. A autora sustenta, ainda, a necessidade de se fazer referências ao contexto para uma melhor compreensão das mensagens. Bardin (1977) acrescenta que a unidade de contexto numa análise temática pode ser o parágrafo para o tema.

Assim sendo, elaboramos quadros temáticos, desmembrando as mensagens contidas nas respostas das entrevistas e nos conteúdos dos demais documentos, destacando frases ou parágrafos que correspondiam a cada tema, e selecionamos exemplos relevantes para ilustrar os resultados obtidos.

CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Observamos que os participantes que possuem algum tipo de atuação na área das Ciências Sociais, especialmente em História, relacionaram em suas falas os acontecimentos narrados com o contexto histórico da época. Exemplo disto foram as constantes alusões ao Regime Militar vigente, às condições sociais dos moradores do Bairro América e aos resultados que o movimento obteve:

... ainda era Ditadura, tava pintando a anistia que foi em 79, mas os rigores da Ditadura ainda existiam.¹

...embora estivéssemos saindo da Ditadura Militar naquele momento, mas já existia um certo espaço nos meios de comunicação.²

As três participantes do sexo feminino evidenciaram em seus depoimentos os aspectos relacionados aos incômodos sofridos pela população local, principalmente pelas crianças. Segundo as entrevistadas, estas eram as mais prejudicadas pela poluição. As ocupações das mesmas também se refletiram nas falas, pois as depoentes ligadas à área de saúde deram maior ênfase a este aspecto, enquanto que a professora primária observou a falta de acesso da população à educação e a melhores condições de habitação.

Não, não tinha nada a dizer não. Como era que a pessoa ia aborrecer um dono de fábrica? Não podia. Vivia caladinha. Fechava porta, quem tinha janela... quem não tinha janela... porque tinha gente que não tinha nem janela na casa porque não podia.³

O pessoal se queixava porque as dificuldades em relação à saúde era grande né, a situação financeira dos pais a pior possível e vendo seus filhos vindo a óbito.⁴

Ela só trouxe desgraceira porque ela prejudicou as plantas, os moradores né, os seres humanos foram prejudicados, as plantas porque aqui os coqueiros, qualquer planta que você olhasse era branca, elas não tinham a clorofila da, das folhas, porque as folhas todas ao invés de ser verdinha eram branquinhas por causa, devido ao pó.⁵

¹ Entrevista concedida por Wellington Manguiera em 22.05.2007.

² Entrevista concedida por Antonio Wanderley em 22.06.2007.

³ Entrevista concedida por Maria de Lourdes dos Santos em 19.10.2007.

⁴ Entrevista concedida por Maria Isabel dos Santos em 24.10.2007.

⁵ Entrevista concedida por Maria Jiolinda dos Santos em 18.11.2007.

Os aspectos de caráter técnico acerca da poluição de suas conseqüências ambientais foram evidenciados no depoimento do ex-secretário executivo da ADEMA e do ex-diretor industrial da Fábrica de Cimento.

A emissão de poeira atmosférica da fábrica, aquele tipo de pó só existia se os fios eletrostáticos estivessem desligados, se não estivessem funcionando. Eles justificavam que era queda de tensão.⁶

Nós trabalhamos para fazer a re-injeção do pó na própria matéria prima só que quando você faz isso no processo da via seca sem usar a pasta é fácil de fazer, mas quando você faz com via úmida raramente dá certo, o pó concentra muito sódio, potássio, outras coisas e resseca muito a pasta.⁷

É importante ressaltar que os diferentes níveis de vivência dos fatos produzem pontos de vista também diversos. A visão do liderado será distinta daquela do líder, que por sua vez, não pode ser igual à do morador que observou a mobilização dos demais, mas dela não fez parte. Aqueles que eram funcionários da fábrica enxergaram alguns fatos por lentes distintas daquelas pelas quais o gestor do órgão ambiental pode ver. Assim sendo, cada um dos depoimentos colhidos é único, pois refletem experiências que não podem ser repetidas, apenas analisadas. É o que reforça Delgado (2006):

Experiências de vida singulares podem se tornar paradigmas de experiências coletivas e de valores e hábitos de conjunturas e épocas. Com certeza, mediante essas experiências específicas, podem-se resgatar diferentes memórias sob diferentes óticas. Pelos depoimentos orais, atores sociais distintos podem se manifestar sobre o mesmo processo ou acontecimento. Mas, mais do que isso, cada depoimento colhido é, em si, multifacetado porque humano. (DELGADO, 2006, p. 70)

Aos depoimentos orais somaram-se os documentos escritos, na busca de descrever e analisar os resultados obtidos pelo movimento social gerado a partir desses conflitos entre os moradores do Bairro América e a Fábrica de Cimento instalada nesse bairro.

INFLUÊNCIAS DA IMPLANTAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA FÁBRICA DE CIMENTO

⁶ Entrevista concedida por Luis Carlos Resende em 28.11.2007.

⁷ Entrevista concedida por Marcelo Aguiar em 05.12.2007.

O Bairro América, na época da instalação da fábrica (década de 1960), era considerado como estando em uma região afastada da cidade, uma vez que esta terminava nas proximidades do bairro Cirurgia. Porém, aquela não era uma região desabitada, pois desde a década de 1920 havia naquela localidade a Casa de Detenção de Aracaju, lá instalada também pela distância do perímetro urbano. Porém, por conta da vinda constante de parentes de presos para residir nas proximidades do presídio, a região foi gradativamente sendo povoada.

Na década de 1960, o bairro recebeu os missionários capuchinhos e posteriormente foi edificada a Igreja São Judas Tadeu. Esta foi erigida em 1961, como forma de melhor atender aos católicos daquela localidade. Assim sendo, a região onde a fábrica foi instalada não era totalmente desabitada, embora de fato pudesse estar bastante afastada do restante da cidade.

Os primeiros habitantes do Bairro América não recebiam a devida atenção por parte do governo local, uma vez que, na sua maioria, eram detentos ou parentes destes, ou ainda pessoas de baixo poder aquisitivo que não dispunham de condições para adquirir um terreno em outro local.

A implantação da Fábrica de Cimento, segundo Oliveira (1996), representou inicialmente esperança de geração de emprego para os moradores locais. Era a chegada do tão esperado progresso para uma localidade esquecida e marginalizada. Porém, segundo os depoimentos dos moradores, a mão-de-obra local não era especializada; por isso a implantação da Fábrica:

Prá maioria dos moradores ela representava prejuízo, porque quando uma fábrica vem pra um determinado local ela vem com aquela coisa de gerar emprego, aquela expectativa, mas a mão de obra da época daqui não tinha qualificação, então as pessoas viviam realmente daquele emprego mais baixo, do braçal na fábrica.⁸

O então diretor da fábrica confirma que inicialmente o quadro de funcionários veio de Recife, e só posteriormente trabalhadores da região foram empregados. Porém, a geração de empregos não foi mais expressiva do que os impactos negativos decorrentes da poluição atmosférica proveniente da fabricação do cimento, como

⁸ Entrevista concedida por Emanuel Rocha em 28.05.2007.

observa esta moradora do bairro: “Por um lado o pessoal tinha o salário, mas por outro não cobria as necessidades dos problemas de saúde”.⁹

A partir de 1971, com a ativação da segunda chaminé e a conseqüente duplicação da produção de cimento, a emissão de poluentes na atmosfera aumentou consideravelmente. Tanto nas falas dos entrevistados quanto nas notícias jornalísticas da época, são recorrentes as referências ao pó emitido no ar e que ao cair sobre os telhados e vegetação formava uma crosta acinzentada ou esbranquiçada. O interior das residências também era tomado pelo pó que, a depender da direção dos ventos, atingia até mesmo o centro da cidade.

O primeiro quilômetro ali em frente à fábrica de cimento onde estavam justamente as torres que faziam a poluição, e como o vento vai naquele sentido, sentido oeste, então a gente via que todas as casas ali eram cobertas de poeira causando inclusive problemas de saúde à população então o que a gente percebia, na verdade, era esse incomodo né, que trazia a poluição.¹⁰

...dentro das casas, inclusive, nas mesas onde o pessoal escrevia com o dedo e teve também nas casas repito, nos telhados que ficavam todos brancos parecia que tivesse nevado em cima. E as plantas, muitas plantas morrendo...¹¹

Segundo alguns relatórios da ADEMA, a principal fonte de contaminação do ar era relacionada à disposição final do pó proveniente das descargas dos precipitadores eletrostáticos, depositado no pátio da empresa. Porém, maior do que o incômodo de terem suas casas sempre empoeiradas, a população local queixava-se de problemas de saúde atribuídos ao pó:

Nas cercanias da Portland, num raio de alguns quilômetros, nenhum repórter terá dificuldade de encontrar pessoas portadoras de doenças pulmonares, ou “cimentite” como chamam os prejudicados. (OLIVEIRA, 1982, p. 7)

Todos os moradores entrevistados citaram o fato de que as crianças eram as mais atingidas, relatando inclusive mortes atribuídas à poluição: “O pessoal se queixava porque as dificuldades em relação à saúde era grande né, as dificuldades, a situação financeira dos pais a pior possível e vendo seus filhos vindo a óbito.”¹²

⁹ Entrevista concedida por Maria Isabel dos Santos em 24.10.2007.

¹⁰ Entrevista concedida por Ednilson Barbosa em 30.10.2007.

¹¹ Entrevista concedida por Frei Florêncio Peccorari em 10.02.2007

¹² Entrevista concedida por Maria Isabel dos Santos em 24.10.2007.

Já o ex-diretor da Fábrica de Cimento, Marcelo Aguiar, observa que, pior do que os prejuízos à saúde das pessoas causados pela poluição era a pobreza que predominava na região.

A poluição da favela era muito maior do que a poluição da fábrica, mas não tinha um político que olhasse aquilo ali. Só olhava... era mais fácil criticar a poluição da fábrica que era visual, mas a poluição lá dentro era muito pior, morria muito mais gente.¹³

Em reunião no Convento São Judas Tadeu em 21 de setembro de 1982, com diversos setores da sociedade para tratar do problema da poluição, o representante da Secretaria da Saúde, Dr. Josué Duarte, explica a relação das doenças sofridas pelos moradores do entorno da fábrica com a poluição atmosférica, ressaltando a influência de fatores sócio-econômicos da população do bairro.

As queixas da classe médica sobre a causa de certas doenças pelo pó da Fábrica têm fundamento, pois toda poluição afeta a saúde. É difícil, porém, se determinar a “causa mortis”, mesmo daqueles atestados que rezam por “insuficiência respiratória”, porque tantos outros fatores, como as condições higiênicas e sanitárias e os fatores sócio-econômicos podem influenciar doenças ou, pelo menos, diminuir as resistências orgânicas.¹⁴

O médico conclui afirmando que todas estas observações “não absolvem o pecado capital da Fábrica de Cimento.”

De fato, evidencia-se que as condições sócio-econômicas precárias do bairro funcionavam como um agravante para os problemas de saúde daquela população. Pelicioni (2005) relaciona o meio ambiente em que uma população vive aos possíveis problemas de saúde que podem vir a desenvolver, afirmando que a degradação ambiental e as conseqüentes alterações do meio ambiente influenciam muito na saúde e na qualidade de vida das pessoas.

Em 1982 foi anunciada a construção de uma nova fábrica de cimento do Grupo Votorantim no Estado. A população, liderada pela Paróquia São Judas e pela AMABA, passou a reivindicar que a unidade de Aracaju fosse transferida para este novo empreendimento no município de Laranjeiras. Isto inclusive resolveria outro impasse: a situação dos operários da fábrica que temiam ser demitidos caso ela fosse fechada.

¹³ Entrevista concedida por Marcelo Aguiar em 05.12.2007.

¹⁴ **Ata da reunião realizada no Convento São Judas Tadeu no dia 21 set. 1982.** Aracaju, 1982, p. 01.

No entanto, a nova unidade denominada Cimento Sergipe S.A. (CIMESA) iniciou suas atividades em 1983, já com produção notadamente superior e tecnologia mais avançada do que a fábrica de Aracaju que continuou funcionando. Para o Grupo Votorantim era economicamente mais viável dar início a um novo empreendimento – usufruindo de novos incentivos do Estado e da SUDENE – do que transferir a antiga fábrica mantendo a razão social.

Portanto, com a construção da CIMESA, a Companhia de Cimento Portland de Sergipe não foi transferida, nem prontamente desativada. Apesar disto, nos jornais analisados e nas entrevistas dos moradores, percebemos que a “desativação” da Fábrica de Cimento foi considerada uma grande vitória do povo. Foi a chamada “luta de Davi contra Golias”, na qual a analogia com o relato bíblico do menino que derrubou o gigante torna-se símbolo da luta dos pequeninos (o povo) contra o gigante (o Grupo Votorantim).

LEMBRANÇAS APÓS A DESATIVAÇÃO

Com o objetivo de resgatar os aspectos históricos do período posterior à desativação dos fornos da Fábrica de Cimento, procuramos apreender as recordações dos entrevistados acerca da possibilidade de reativação e da implosão das chaminés da fábrica. Pesquisamos também a repercussão nos jornais da época sobre estes fatos.

Em algumas entrevistas realizadas com os moradores percebemos que, mesmo após a desativação dos fornos da fábrica, manteve-se ainda certo receio sobre a possibilidade de ela voltar a funcionar plenamente. Isto se deve ao fato de os moradores que residiam mais próximo da empresa perceberem que a mesma não tinha sido desativada totalmente. Algumas operações ainda continuavam a ocorrer naquela unidade, o que é evidenciado no seguinte relato de uma das lideranças do movimento:

Por alguns momentos ela triturava calcários, nós ouvíamos barulho de funcionamento principalmente à noite. Ela parou gradativamente, acho que na medida em que se montava a outra, mas não foi brusco não, inclusive o entulho da fábrica ficou ali como sinistro por anos, até que se definiu o que fazer com o terreno. A estrutura da fábrica ainda ficou ali, o que se constituía numa ameaça, se ela estava ali ainda, quem sabe os interesses da empresa... Então enquanto ela esteve ali se constituía uma certa ameaça. Era um símbolo de vitória, porque ela

estava quase, praticamente desativada, mas ao mesmo tempo era um fantasma que estava ali rondando.¹⁵

Esta fala nos remete à discussão acerca dos lugares da memória, da necessidade de as sociedades instituírem locais que passam a se constituir em símbolos de fatos ocorridos no passado. Segundo Félix (1998), os espaços são referências de lembranças do grupo social. Sendo assim, lembrar ou esquecer está diretamente associado a objetos concretos, a espaços, a edificações, que assumem no imaginário da população diferentes significados:

Relembrar ou esquecer Hiroshima e Nagasaki? Relembrar ou esquecer o holocausto judeu? Manter de pé ou demolir o prédio do antigo Hospital Psiquiátrico São Pedro em Porto Alegre – lembrar o que foi ou esquecer apagando a memória pela destruição do prédio. (FÉLIX, 1998, p. 51)

No caso da Fábrica de Cimento, notamos diferentes opiniões dos participantes das entrevistas sobre a demolição das chaminés da fábrica, que ocorreu entre os meses de agosto e setembro de 2000. Para alguns, as torres da fábrica deveriam ser preservadas como símbolo da luta popular:

Acho até que foi uma bobagem, podia ter deixado ali como um símbolo ela desativada e conservada, que seria um símbolo bonito de uma luta do povo ali representado pelos padres, que se sentiram apoiados naquela população que não tinha voz, que não tinha organização e ele como um grande pastor comandou os interesses concretos daquele povo, então deveria ficar ali aquele símbolo que gerou progresso, riqueza para Sergipe, mas que gerou também tristeza.¹⁶

Eu fiquei triste quando implodiram as duas chaminés, era um símbolo de luta, da nossa luta, mas é claro que ninguém ia querer mais ali. Mas era um símbolo também de uma luta, foi uma luta grande.¹⁷

Para outros, aquela edificação remetia às lembranças dolorosas de uma época de sofrimento. Por isso, a demolição da fábrica e a implosão de suas chaminés representaram grande alívio para estes moradores:

Acho que tinha que demolir tudo mesmo porque tinha que ser outra coisa ali. As lembranças que eu e muita gente tem daquilo ali são

¹⁵ Entrevista concedida por Antônio Wanderley de Melo Corrêa em 22.06.2007.

¹⁶ Entrevista concedida por Wellington Manguiera em 22.05.2007.

¹⁷ Entrevista concedida por Emanuel Rocha em 28.05.2007.

lembranças funestas, então do funesto a gente não quer estar a toda hora observando. Eu particularmente não sou romântico, eu acho que tinha que desmontar a fábrica mesmo.¹⁸

Na realidade a gente teve certeza que a fábrica realmente estava indo embora quando teve a demolição, porque mesmo com as chaminés sem funcionar, mas a fábrica ainda estava aí, mas depois que foi demolida aí... é como se tivesse surgido, ascendido uma esperança nas pessoas que ela realmente não funcionaria mais. Quando ela foi demolida por completo, quando a fábrica deixou de funcionar, é que a gente ficou sabendo que seria construído aí o condomínio. Aí pronto ninguém achava que ela pudesse voltar a funcionar.¹⁹

Os jornais registraram o processo da demolição da Fábrica de Cimento. Em matéria do *Jornal da Cidade* de 15 de agosto de 2000²⁰, além de informações técnicas sobre como a operação estava sendo realizada, foi dada ênfase às entrevistas com moradores das imediações, que aproveitaram a oportunidade para relatar suas lembranças acerca do funcionamento da fábrica e opiniões sobre a demolição. Também ali os relatos dos moradores demonstraram os diferentes posicionamentos sobre o fim dado às instalações da empresa. Enquanto um dos moradores afirmou concordar com a demolição, uma vez que para ele, a fábrica só trazia péssimas lembranças, um outro morador demonstrou tristeza pelo ocorrido, pois, segundo ele, ao menos as chaminés deveriam ser preservadas, já que, usando suas palavras, “a fábrica fez história”.

Ainda conforme a matéria houve inicialmente, por parte da construtora do condomínio, a intenção de manter as chaminés preservadas, porém, a manutenção das mesmas dentro do condomínio seria inviável. Este fato nos remete ao caso de outra fábrica de cimento que teve como desfecho algo semelhante à sugestão acima citada pelo morador. A antiga fábrica em Perus, São Paulo, desativada na década de 1980, teve sua estrutura preservada por desejo dos seus trabalhadores aposentados. O conjunto formado pela fábrica, vilas operárias e ferrovia foi tombado em 1992.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁸ Entrevista concedida por Antônio Wanderley de Melo Corrêa em 22.06.2007.

¹⁹ Entrevista concedida por Maria Jiolinda dos Santos em 18.11.2007.

²⁰ PRÉDIO da antiga fábrica de cimento é demolido. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 15 ago. 2000. Caderno B-2.

A instalação, funcionamento e desativação da Fábrica de Cimento configuraram um episódio da história do Bairro América que ainda se encontra bastante vivo na memória de quem o presenciou.

Os depoimentos mostraram que o movimento social dos moradores adquiriu mais visibilidade e credibilidade a partir da liderança da paróquia local, na pessoa de seu vigário. Apesar de as evidências apontarem para uma atuação do frade, e não da Igreja enquanto instituição, outros membros da paróquia também fizeram parte do movimento. Além disso, o fato de ter um religioso à frente legitimou a luta e proporcionou grande repercussão do conflito nos meios de comunicação, em especial a televisão e os jornais, como também emissoras de rádio. A Igreja Católica do Brasil, naquele período marcado pelo regime militar, era uma das únicas vozes que ainda se fazia ouvir a favor dos direitos humanos. Era, portanto, uma instituição que gozava de credibilidade junto à sociedade, o que certamente influenciou na legitimação do movimento.

O principal resultado obtido pelo movimento social dos moradores do Bairro América foi o fim da poluição do ar proveniente da Fábrica, através de sua progressiva desativação. Embora tenha havido motivação de ordem econômica para a construção da nova unidade industrial do Grupo Votorantim em Laranjeiras, é possível concluir a partir dos documentos e dos depoimentos concedidos que, se não tivesse havido o movimento social e o clamor popular, certamente a Fábrica de Cimento continuaria a funcionar naquele local por muito mais tempo.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do Cpdoc**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

Ata da reunião realizada no Convento São Judas Tadeu no dia 21 set. 1982. Aracaju, 1982, p. 01.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

DELGADO, Lucília de A. N. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

FÉLIX, Loiva Otero. Memória e Memória Histórica. In: _____. **História e Memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: EDIUPF, 1998, p. 34-55.

FRANCO, Maria Laura. P. B. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Plano Editora, 2003.

FREITAS, Sônia M. de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

MEIHY, José Carlos S. **Manual de História Oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

OLIVEIRA, Jorge Marcos; BITTENCOURT Jr., Antônio. **Memória do Bairro América**. Aracaju: FUNCAJU, 1996.

OLIVEIRA, Fernando Sávio de. **O Pó da Morte fabricante de Anjo**. *Jornal de Sergipe*, Aracaju, 25 mai. 1982.

PELICIONI, Maria Cecília. Promoção da Saúde e Meio Ambiente: uma trajetória técnico-política. In: PHILIPPI Jr., PELICIONI, Maria Cecília. (editores). **Educação Ambiental e Sustentabilidade**. Barueri, SP: Manole, 2005, p. 413-420.

PRÉDIO da antiga fábrica de cimento é demolido. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 15 ago. 2000. Caderno B-2.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.9, n.19, p. 219-243, set. 1989/fev. 1990.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado – História oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.